

Editorial 13º Congresso Internacional da Rede UNIDA

O Congresso da Rede Unida é um Encontro de Encontros

É muito difícil dizer o que é um Congresso da Rede Unida. Diria que sinto perplexidade semelhante a quando um cientista social espanhol me perguntou o que era a Lavagem do Senhor do Bonfim.

- A Lavagem é uma festa religiosa?
- Sim, é também e com muita intensidade.
- De qual religião?
- De várias, na primeira abertura que fui,

por exemplo, alguns pais e mães de santo fizeram as saudações iniciais, um representante dos Filhos de Gandhi na sequência e um padre citou em sua fala Gandhi e encerrou cantando a paz de Gilberto Gil.

- Nossa! Mas não tem também algo de manifestação política?

- Algo não, tem muito. Movimentos sociais, sindicatos, partidos, políticos, principalmente da esquerda, mas também políticos da direita, frequentam a festa, fazem manifestações, discursos, levam cartazes, dão o seu recado, escutam, interagem, agitam muito...

- Mas ouvi também falar que é uma festa. Me convidaram como uma festa.

- E como! Das boas. Encontro de muita gente, lugar de dança, de alegria, de ser abençoado com as águas de cheiro das baianas, de fazer pedidos dando nós nas fitinhas do Senhor do Bonfim na grade da igreja no alto do morro ou no pulso e tornozelo e depois sair para pecar com toda a alegria do mundo rsrs.

Sim, o Congresso da Rede Unida também gera uma perplexidade de sensações que, como a Lavagem, encanta, provoca, mobiliza, celebra e promove a diversidade.

É um encontro científico, sem dúvida. As pessoas se mobilizam para inscrever bons traba-

lhos, se organizam para comunicar e compartilhar suas experiências, descobertas e produções. E para uma banca e uma audiência que é mais ampla, mais aberta à diversidade das produções, que assume como princípio que a relevância social deve vir junto com a científica, que quer descobrir, aprender, agir e transformar... e sem demora.

É um encontro de encontros, de diversidades, intensidades e aprendizados. É um encanto andar por um Congresso da Rede. Grupos populares organizando rodas de diálogos e desenvolvendo práticas que vão do artesanato às práticas de educação e saúde populares. Feiras com artesãos de todas as etnias e lugares do Brasil apresentando nossos olhos e sensibilidades com suas artes. Estudantes fazendo intervenções de teatro, fazendo reuniões, promovendo rodas de aprendizados, sentados no chão contando de vivências, de lutas, de problemas, de amores e modos de amar. Professores, trabalhadores, gestores, jovens, velhos, pessoas de todos os gêneros e cores compartilhando suas experiências, debatendo o que pensam ser relevante para a saúde, educação e cidadania, construindo redes de sensibilidades, de pensamentos, de contato e de ação dos modos os mais diversos possíveis, cantando, conversando, sorrindo, se acolhendo, construindo espaços que são também de resistência e de promoção de resiliência afetiva.

É um encontro político. Lugar de importantes análises sobre as políticas de saúde e educação e os modos como as mesmas interferem na vida das pessoas, dos trabalhadores desses campos e também nas utopias ativas que os movimentos progressistas vêm defendendo ao longo do tempo. No encontro da rede, no debate da política, passado, presente e futuro também se encon-

tram: análises com largo olhar histórico, debates sobre o contexto e situação atual percebida no macro, no meso e no micro e sentida por cada um e cada uma que se faz ouvir e busca progressiva de pactos que buscam incluir a maior quantidade de gentes, grupos e movimentos em ações afirmativas da vida, em defesa e produção de vida.

É por tudo isso e ainda mais também um encontro artístico, um encontro cultural. Que valoriza a cultura popular, que se expressa também por meio das artes, que coloca no centro da cena Manoel de Barros, como aconteceu no encontro do Mato Grosso do Sul, que também teve artista com Araquém Alcântara e Antônio Lino, revelando a alma do Programa Mais Médicos por meio de fotos, histórias e “causos”, e que no Amazonas nos convida a mergulhar e Thiago Mello e na cultura da floresta.

É menos um encontro acadêmico, embora também seja, e mais um encontro popular, participativo e democrático que prega a democracia e participação com diversidade e forte conteúdo popular... É espaço de militância e de luta que ninguém perde suas características singulares e im-

plicações, mas ganha outras: algumas características e implicações que passa a compartilhar com os demais, outras como interação do encontro consigo. É espaço que começa, mas não termina.

Um espaço-processo-tempo com capacidade e potência de emergir em um contexto difícil como o atual e re-fazer da vida a “a arte do encontro”: “faz escuro, mas eu canto”, encanto e encontro, diria facilmente o coletivo Rede Unida em um fim de dia de encontro misturando Vinicius de Moraes com Thiago Mello e seguindo combinando a Toada com Tucupi e Tacaca, não só pela culinária ser também uma arte, ainda mais no Norte, mas por serem nomes sonoros bons de misturar, brincar e dançar com a Toada.

É, por fim, um bom lugar para estar se deixando contaminar pela energia que circula pelos ares respirados por gente que faz bem estar ao lado.

Hêider Pinto